

# OS ARTIGOS DE MEIRA MATTOS NA FOLHA DE SÃO PAULO

José Carlos Meira Mattos\*

O convite inicial previa falar de meu pai como homem de família, trazer aos senhores uma extensão humana e familiar de sua existência. A princípio fascinante, esta proposta foi por mim repensada. Mais curioso e de maior valor para todos, parece-me ser comentar a sua presença na imprensa brasileira, bem mais intensa do que se dá conta a maioria das pessoas.

Por décadas, ele colaborou com jornais importantes, dos quais destaco o *Correio Paulistano*, o *Jornal do Brasil* e a *Folha de São Paulo*. No exterior, publicou por alguns anos com regularidade no *Diário de Notícias*, de Lisboa. No *Jornal do Brasil*, no *Correio Paulistano* e no *Diário de Notícias*, ele dedicou-se a comentários sobre a situação internacional. Na *Folha de São Paulo*, ele aproveitou o espaço para escrever sobre os assuntos que o mantinham ocupado. Apresentado ao Sr. Octávio Frias, proprietário do jornal, por seu amigo Dr. Ives Gandra, ele publicou uma coleção de artigos da *Folha de São Paulo* em que temos excelentes retratos de seu pensamento. E é nessa coleção que vamos nos concentrar.

Além disto, publicou eventualmente artigos em vários jornais brasileiros e, é claro, concedeu entrevistas a quase todos os veículos de relevo.

Meu pai não fazia nada sem avaliar antes a finalidade de sua ação. E não foi diferente na sua decisão de se tornar colaborador habitual de jornais. É claro que ele não tinha ambições na carreira jornalística. O que o atraía era a possibilidade de disseminar ideias que julgava merecedoras de serem conhecidas por um largo número de pessoas. Embora escrevesse bem, fosse extremamente cuidadoso com a língua portuguesa, o

---

\* Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Comunicação de Massas pela New School for Social Research, Nova York; representante do Grupo Peixoto de Castro no SINDICOM - Sindicato das Empresas Distribuidoras de Combustíveis.

fazia sempre apoiado em um bom dicionário. Ele era mais interessado em veicular suas ideias do que em angariar elogios à forma de seus artigos.

Dono de uma redação clara, objetiva, afeito ao que se convencionou chamar de estilo jornalístico, com um vocabulário corrente, sem exageros de jargão profissional ou acadêmico, ele conseguia em seus artigos a mesma proeza que lograva em suas aulas ou conversas: transformava assuntos complexos em matéria de fácil compreensão.

Intelectualmente honesto, era incapaz de veicular inverdades, de omitir o ponto de vista contrário ao seu. Gostava até de colocar nos artigos visões diferentes das suas e, invariavelmente, as respondia com argumentos irrefutáveis.

Alguns temas dominam a sua obra jornalística. O primeiro deles, sem dúvida, é o Brasil em suas dimensões interna e externa.

A primeira definição de Meira Mattos em relação ao Brasil era a visão do país como incluído no que se chama civilização ocidental, cabendo aí a herança cultural grego-judaico-cristã. Essa visão fez dele um democrata sempre preocupado com a dignidade humana e as liberdades individuais: totalmente contrário aos regimes autoritários.

A sua grande preocupação era que nós merecêssemos o imenso território e riquezas que hoje compõem o Brasil. Militar e historiador ele tinha uma visão clara que este território é alvo de cobiça internacional, assim como as riquezas que ele abriga.

Vamos dar a palavra a ele. Em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, no dia 13 de julho de 2006, ele abre com esta afirmação: “Os 8.500.000 milhões de km quadrados de nosso território, quinto país mais extenso do mundo, não foram conquistados por nossos colonizadores lusitanos sem muita luta. É enorme a responsabilidade da nossa e de futuras gerações em preservá-lo”. Após historiar as principais passagens desta conquista, ele finaliza o artigo afirmando:

A grandeza territorial que hoje desfrutamos, que o Barão do Rio Branco soube consolidar diplomaticamente, as fronteiras mal conhecidas e sujeitas a litígios, devemos a muitas lutas armadas, a sacrifícios de vida e a notáveis

estadistas de um passado colonial de mais de 300 anos. Preservá-la e enriquecê-la, eis a responsabilidade maior dos brasileiros. (MATTOS, 2006 [s.p.]).

Mas ele não se iludia e percebia com nitidez a causa das dificuldades do Brasil em cumprir esta missão. Em artigo na *Folha de São Paulo*, 15 de fevereiro de 2005, com o título *Brasil Potência*, ele assim descreve os nossos principais obstáculos: “Em nossa opinião, o Brasil é um país premiado pela natureza, mas que, nos últimos cem anos se atrasou na corrida para o progresso econômico e social, em virtude do mau desempenho de suas elites políticas, de seus governantes”. Mais adiante, lamenta a “política econômica monetarista de juros bancários altíssimos e de carga tributária elevadíssima, condições desanimadoras para o capital investidor”. E finaliza: “A essas causas retardadoras há que se acrescentar a mentalidade derrotista da maioria de nossa elite intelectual e de nossa imprensa, que não crê nas avaliações dos órgãos de pesquisa estrangeiros sobre o futuro de seu próprio país e as ridiculariza”. Como se vê sua fé no Brasil não estava calcada em um país idealizado, mas assentada na realidade que tão bem conhecia.

Politicamente, ele nos entendia como uma democracia. E a democracia como um valor pelo qual se devia ir à guerra – e ele foi – e até mesmo rebelar-se, engajar-se em revoluções armadas, como ele também o fez.

A liberdade individual, vivida dentro de regras estabelecidas de maneira clara e institucional, era o valor que ele mais defendia. Poderão estranhar alguns, que um homem de tais convicções tenha protagonizado episódios como a intervenção em Goiás ou o chamado fechamento do Congresso. Fugindo um pouco de seus artigos e me valendo da memória de inúmeras conversas que tive com ele, afianço aos senhores que ele tinha uma absoluta tranquilidade sobre seu papel nesses eventos. Longe de ver neles qualquer contradição aos seus valores democráticos e humanos, percebia-os como intervenções necessárias para que a ordem democrática prevalecesse naquelas ocasiões. Meira Mattos foi um realista que sabia que a paz e a democracia são valores que não se estabelecem por si próprios, tem que ser conquistados pelos povos e protegidos.

Incomodava Meira Mattos a já citada mediocridade de nossas elites políticas. Em artigo publicado em 08 de maio de 2006, sob o título “O estadista e o político”, ele externa este desencanto:

Está chegando a hora de, democraticamente, elegermos um Estadista para presidir o Estado brasileiro. O Brasil precisa, urgentemente, de um presidente competente e honrado que conduza a política nacional orientada pelos interesses permanentes do Estado – soberania, integridade territorial, integração nacional, democracia, educação, desenvolvimento socioeconômico, paz social. As políticas setoriais e regionais não podem ameaçar ou contrariar esses superiores interesses do Estado.

Mais adiante, ainda no mesmo artigo,

Por falta dos grandes partidos programáticos que saibam conjugar suas políticas setoriais e regionais sem se afastar da fidelidade aos interesses superiores do Estado, desde a República o país é governado por políticos personalistas, alguns muito bem intencionados, cada qual com o seu programa próprio, ignorando aquilo que de bom herdou de seu antecessor. A política nacional está entregue ao arbítrio de líderes que alcançaram a chefia da Nação e que governam de acordo com ideias próprias ou de seu grupo palaciano, sem nenhum controle por seus partidos que, terminada a eleição, ficam submetidos à postura personalista do candidato que elegeram.

Ainda neste artigo, há uma passagem que poderia ter sido escrita nos dias de hoje, se não, vejamos:

Ninguém tem dúvida que o povo espera do próximo governo um amplo e bem planejado programa de desenvolvimento político e social que desperte as potencialidades deste país. Um programa que impulse o atendimento das necessidades vitais de educação, saúde, alimentação, moradia, reforma política e eleitoral, transportes, produção, paz social, segurança, defesa; que transforme em riqueza nossos recursos inexplorados, que comece a nos tirar do atraso social, que revigore o poder nacional a fim de proteger nossa soberania perante um mundo intranquilo e conflitante.

Acho que é razoável supor que ele não seria surpreendido pelas recentes passeatas ocorridas recentemente em diversas cidades brasileiras.

Outro tema constante em seus artigos é o reconhecimento do papel das forças armadas na história brasileira. Seja lembrando passagens históricas, seja lembrando nossos heróis, seja mostrando os sacrifícios enfrentados pelas forças que ele considerava mal aparelhadas para o cumprimento de seus deveres. Lamentava o descaso que os governos daquele tempo conferiam à necessidade de se dotar o Estado brasileiro de um poder militar em conformidade com o patrimônio a ser defendido.

Ex-combatente da FEB, uma de suas preocupações era o resgate e a preservação da jornada cumprida pela Força Expedicionária Brasileira na Segunda Grande Guerra.

Para ele era motivo de orgulho lembrar como o combatente brasileiro rapidamente se adaptou ao cenário da guerra e lutou de igual para igual com exércitos muito mais aparelhados e treinados como era o caso das forças alemãs, italianas e norte-americanas.

Sobre a guerra eu darei um testemunho pessoal. Há mais ou menos três anos fui convidado a ir à Itália assistir a uma cerimônia a ser realizada no Monumento de Monte Castelo. Como parte dessas comemorações, foi inaugurada uma fotografia de Carlos de Meira Mattos na biblioteca pública da cidade de Gaggio Montano, que fica a minutos de onde se travou a batalha. Bem, podem imaginar a minha emoção quando vi ser descerrada a foto de meu pai na biblioteca daquela cidade italiana. Havia ele sido escolhido para representar a tropa brasileira que, segundo todos os testemunhos dos italianos que eu escutei, havia sido a única a respeitar a população italiana, e é claro que todos sabem sobre o que eles estavam falando.

Contaram eles que diversos italianos, por opção, durante a guerra se fardaram como brasileiros, tal a admiração que nossos soldados causaram. Dessa bravura, o Brasil não fala e não comenta. Meu pai em alguns artigos procurou esclarecer as pessoas sobre como foi exitosa a nossa participação na guerra. Mais aos nossos tempos ele via o Brasil

preocupantemente desaparelhado para o caso da eclosão de um conflito. Em artigo publicado na Folha de São Paulo sob o título *A Crise orçamentária das Forças Armadas*, em 25 de julho de 2002, ele adverte:

Em termos de Política com “P” maiúsculo, ou de estadismo, é uma inconsciência ignorar a importância das Forças Armadas no contexto de uma política nacional. Brasil é uma potência média, possuidor do quarto patrimônio em extensão geográfica do mundo, da sexta população mais numerosa do planeta, alcançou uma posição de relevo entre as dez maiores economias e foi capaz de fundir numa cultura homogênea os traços de miscigenação racial. Não somos uma pequena nação inexpressiva no concerto mundial. Temos muito a preservar e muitíssimos interesses a defender neste jogo de ambições da política internacional. Neste jogo de disputas nada ético que revela a política internacional o que pesa é o poder nacional, e o poder nacional que tem como atributo inseparável o poder militar. “Todos os grandes estadistas do mundo e do Brasil entenderam este truísmo.

Continuando, ele destaca:

A existência da força nas disputas internacionais de interesses, de desdobramento sempre imprevisíveis, é um argumento de persuasão ou de dissuasão, atuante muito antes de precisar ser empregada. Quase sempre evita o seu emprego, que seria a guerra.

A Amazônia é um destaque especial em seus artigos. Observador arguto da cena internacional, ele não se iludia com a retórica das ONGs internacionais sempre preocupadas com as condições de vida dos indígenas, com a preservação da flora e fauna e com a preservação do tal pulmão do mundo. Atrás desses interesses, ele percebia muitas vezes a tentativa de questionar a autoridade do estado brasileiro naquele território e, até, de tentativas de internacionalização da área.

Vamos agora examinar alguns de seus artigos em política internacional. Embora, como dissemos, ele tenha sido um homem democrata, um homem defensor do livre mercado, da livre iniciativa, essas posições

não o impediam de ser crítico em relação às nações líderes do mundo ocidental. Vejamos seu artigo *Kosovo e o Brasil*, publicado na Folha de São Paulo, em 13 de julho de 1999. Diz ele:

O ataque militar da OTAN a uma nação soberana, da maneira como foi perpetrado, violou um compromisso assumido por todos os signatários da Carta da Organização das Nações Unidas: intervenção militar coletiva em país soberano deve ser aprovada pelo Conselho de Segurança e executado por forças sob direção deste Conselho.

Segue mais adiante: “Não resta dúvida: tratou-se de uma atitude prepotente, principalmente de parte dos governos dos EUA, do Reino Unido e da Alemanha”. Após lamentar as barbaridades cometidas contra civis nessa guerra, ele chega ao seu ponto: “A guerra contra a Iugoslávia veio levantar teses intervencionistas que representam perigo futuro para o Brasil e para todos os países emergentes. Elas colocam a nossa soberania sob o risco do arbítrio dos poderosos”.

Essa sua independência fica também evidente quando nos alerta para a chamada Guerra Preventiva. Em artigo com esse mesmo título, publicado em 18 de novembro de 2003, ele começa por traçar as razões que levaram os EUA a aplicarem o conceito de guerra preventiva. Embora ressalve toda a barbaridade dos atos terroristas e da necessidade do mundo se ver livre deste tipo de ação, Meira Mattos descrê da Guerra Preventiva. Vamos ao texto:

As táticas terroristas, tornadas superviolentas pela inclusão de portadores suicidas de explosivos devastadores, são de uma odiosidade que ultrapassa todo limite de tolerância humana. Entretanto, na nossa opinião, a sua contrapartida, a guerra preventiva, não representa um instrumento capaz de assegurar o entendimento e a paz entre as nações.

Segue ele mais ao fim do artigo:

Perigosamente vem se difundindo a prática da guerra preventiva. Israel atacou o território da Síria alegando

se defender da iminência de ataque por grupos palestinos ali abrigados. O governo de Washington aprovou a ação militar de Israel como um legítimo direito de defesa.

E finaliza:

Estamos assistindo ao surgimento de uma nova estratégia política e militar em que a prática da guerra preventiva vem se generalizando. Sua aceitação abala os princípios de soberania das nações e o de autodeterminação dos povos que até hoje têm se constituído em alicerces do direito internacional e referência fundamental para a procura da paz e segurança no planeta. A aceitação da guerra preventiva representa uma ameaça para o futuro do Brasil. É uma arma que só serve aos poderosos. Poderá vir dar asas às ambições internacionais que já rondam a nossa Amazônia, criando o pressuposto de uma ameaça ao equilíbrio ambiental da humanidade (tese que já vem se ensaiando).

Creio haver pinçado em seus artigos trechos que revelam a sua inteligência, o seu descortínio e a sua independência intelectual. E mostrado a sua enorme devoção ao Brasil, país que ele queria ver entre os melhores do mundo. E melhor do mundo significava para ele ser uma nação ordeira, oferecendo aos seus cidadãos uma excelente qualidade de vida e oportunidades de sucesso profissional e felicidade. Uma nação onde a liberdade individual seria respeitada. Uma nação com uma força militar capaz de dissuadir inimigos.

Estes artigos já são um resumo de suas teses e de seus livros. Ou melhor, uma tradução das ideias em suas teses e livros para um idioma que os leigos entendem. Mas, fazendo o resumo do resumo, podemos destacar as ideias chave em seu pensamento nos parágrafos subsequentes:

O Brasil moderno herdou um enorme território que foi conquistado pelos portugueses e solidificado por nossas forças armadas e graças à ação brilhante da nossa diplomacia, destacando-se aí o trabalho dos dois Rio Branco (Visconde, o pai e Barão, o filho). Para dar conta desta missão, o Brasil tem que se aceitar como uma potência média. Isto é: manter uma

política externa prestigiando as regras estabelecidas, as resoluções da ONU, na medida em que não nos interessa quebras no *status quo* que facilitem ações militares de países poderosos; e armar-se a ponto de possuir um poder dissuasório razoável. Ou seja, não “ir às compras” de maneira exagerada no mercado bélico, mas possuir forças armadas capazes de obrigar a qualquer país com ambições em relação nosso território e suas riquezas pensar duas vezes.

Embora tenha sido um anticomunista determinado, quando falava no risco apresentado pelas potências estrangeiras, ele tinha muito claro que, principalmente em relação à Amazônia, devíamos estar sempre atentos aos movimentos vindos dos EUA e de países da Europa Ocidental.

E, coerente com suas preocupações, tinha, por assim dizer, uma visão legalista da ordem mundial. Especialmente na América Latina, ele prevenia sempre aos leitores sobre a necessidade de se manter o continente pacífico, pois qualquer conflito poderia redundar em rediscussão de fronteiras e outros pontos que não interessavam ao Brasil.